

# RETRATOS

NOVEMBRO DE 2010 III EDIÇÃO

## OS 19 ANOS DO ASSENTAMENTO CHE GUEVARA



# ÍNDICE

**03** ZÉ RAINHA: O SONHO POR UM PEDAÇO DE CHÃO

**04** VIDAS DIFERENTES EM CAMINHOS QUASE IGUAIS

**06** SAÚDE NO CHE GUEVARA: UM CASO SÉRIO

**07** COM A BOLA TODA

**08** OS DOIS LADOS DA VERDADE

**09** BOX – TAL CIDADE, TAL CAMPO

**10** CULTURA, VIOLA E A MORENA

**11** PLUGADO NO CHE

**12** O REI DO GADO: FICÇÃO OU REALIDADE?

**14** MST: UMA DISCUSSÃO SEMPRE POLÊMICA

**16** A DIVERSIDADE DA FÉ

**18** UMA AULA DE DEDICAÇÃO

**19** A CONQUISTA DE UM SONHO

**20** QUE PREÇO TEM VENDER UM LOTE?

**21** O CHE GUEVARA SEGUNDO O IBGE

**22** A CULPA FOI DO “SEO” NILO

**23** DA REALIDADE PARA A FICÇÃO, DIOLINDA E JOSÉ RAINHA VIRARAM ATÉ NOVELA

# APRESENTAÇÃO

A primeira edição da revista Retratos abordou o teatro da região, sucedida pelo carnaval de Rua de Presidente Prudente que foi o segundo tema. Agora, na terceira edição, será a vez de falar um pouco sobre a História do Assentamento Che Guevara situado no município de Mirante do Paranapanema - SP.

Este Trabalho de pesquisa de campo, realizado por estudantes de Jornalismo, tem o intuito de focar a história do primeiro Assentamento realizado no Pontal, no município de Mirante do Paranapanema, uma vez que o mesmo apresenta uma grande importância social para a região. Deste modo, este trabalho procurará demonstrar como se deu a fundação, as principais dificuldades encontradas pelas famílias e sua organização voltada para educação, economia ou sustentabilidade, lazer, além de relatar a realidade desse lugar no momento, perspectivas dessas famílias e desafios ainda a serem enfrentados, opiniões a respeito do movimento social - MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra), responsável por essa conquista.

Para realização deste trabalho, contamos com a colaboração dos que ali residem desde quando ainda era acampamento. Foram também ouvidos professores e alunos da escola local Santa Clara, que expressaram em palavras a felicidade de ver a educação em crescimento com o decurso do tempo. Foi possível nessa pesquisa observar o crescimento econômico em relação a produções anteriores. Observa-se, além desses pontos, que a religião tem grande valor para todos que ali residem. Com os entrevistados, foi possível perceber ainda que, no meio rural, há opções de lazer. Com esse trabalho é possível ter o conhecimento da vida no Che, da luta pela terra, da conquista que um pedaço de chão, que posteriormente se transforma na razão de viver do assentado, pois o pedaço de chão é seu orgulho, é sua felicidade, como relatam alguns dos entrevistados. O Che Guevara é um dos primeiros Assentamentos existentes em uma das regiões pólo de conflito agrário do estado de São Paulo.

Foram também abordados temas mais polêmicos como a postura violenta do MST, denunciada pela OAB e as falhas na organização do atendimento médico e na merenda escolar. O presente trabalho teve como objetivo estudar essa realidade que, em alguns casos, passa despercebida pela sociedade, e por pesquisadores, mas que nem por isso deixa de ser um material interessante para que se possam contar boas histórias, como é o papel de todo jornalista.

## EXPEDIENTE

Texto: Alana Carolina Barbosa da Silva  
Diolinda Alves de Souza  
Érika de Paula  
Isabel Cristina Marcondes Rissato  
Magda Aparecida Vieira da Cruz  
Morata

Coordenação Geral :  
Lêda Márcia Litholdo

Diagramação e Produção Visual:  
Bruno Gonçalves Mortensen

Trabalho de Conclusão de Curso da  
FACOPP - Faculdade de Comunicação  
Social Professor Roberto Marinho de  
Presidente Prudente [www.unoeste.br](http://www.unoeste.br)

Produção, Reportagem e Edição:  
Alana Carolina Barbosa da Silva  
Diolinda Alves de Souza  
Érika de Paula  
Isabel Cristina Marcondes Rissato  
Magda Aparecida Vieira da Cruz  
Morata



# Zé Rainha!

## o sonho por um pedaço de chão

FOTO: ISABEL MARCONDES

Isabel Marcondes

Zé Rainha com os  
companheiros de luta  
do MST



O capixaba José Rainha Júnior, 50 anos, não estudou devido à falta de oportunidade, porém é alfabetizado. É fundador do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

O golpe de 1964 acendeu os grandes movimentos sociais, que tinham o nome de Liga Camponesa, eram muito fortes naquela época. Segundo Rainha, o Brasil viveu um período muito difícil por 25 anos. Os bispos reassumiram o papel das CEBs (Comunidade Eclesiais de Base). E as comunidades de jovens pobres, uma luta silenciosa. “Com isso, me entreguei com Frei Betto à causa, e com ele construímos as Pastorais da Terra em 1980. Lula (Luiz Inácio Lula da Silva) conheceu os movimentos na demanda popular da Diretas Já em 1983. A Cultura Sindical foi fundada em 1984 e a oficialização do Movimento no Congresso, foi em janeiro de 1985”, explica Rainha.

Suas primeiras lutas datam de 1986, no norte do Maranhão, período em que recebeu várias ameaças de morte. Cinco anos mais tarde, recebeu o convite para vir para o estado de São Paulo, pois, na cidade de Rosana tinha um grande assentamento. Ficou

por lá até março de 1991, pois, em setembro, nasceu o Assentamento Che Guevara. “Voltei várias vezes para o norte do Maranhão, porém me fixei em Teodoro Sampaio devido à gravidez de meu primeiro filho com Diolinda e, também pela região do Pontal que era muito mais difícil do que a do norte. Isso foi um grande desafio para mim”, confessa o líder do MST.

O acampamento São Bento se tornou o Che Guevara, mas a definição dos lotes só se concretizou em 1995, pois, as divisões não foram suficientes para todos os assentados. Com isso, foram surgindo os assentamentos vizinhos. “O Che foi um dos mais tranquilos, sem problema de invasão. Não teve desânimo e sim conselho da classe. Era uma possibilidade de uma vida melhor. Sempre tive esse compromisso e não posso tirar dessa gente a esperança”, argumenta Rainha.

Segundo ele, o governo Lula foi o que mais investiu, principalmente nos assentamentos. “Nunca faltou a oportunidade, porém, o Che está com vários projetos prontos parados devido à lentidão do Estado para a

liberação dos recursos. Projeto para calçamento, Praça Santa Clara, campo de futebol, quadra esportiva e salão comunitário”, revela.

O Estado dá o direito do lote e a partir disso fica proibida a venda. Segundo Rainha, só existem duas exceções: a morte de alguém da família ou em caso de extrema necessidade.

“A Reforma Agrária é uma lei que não é regularizada, mas respeita o uso social da terra, o respeito pelo meio ambiente e a biodiversidade”, defende.

O líder critica o Itesp (Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo). “É um escritório imobiliário, pois não ajuda e não orienta, só prejudica todos os assentados. O Che Guevara é uma conquista para o MST e fico feliz, pois foi o primeiro assentamento. E mesmo com todos os projetos de melhorias pendentes, é um sonho que se tornou realidade”, comemora José Rainha.

# Vidas diferentes em caminhos quase iguais

Alana Carolina

FOTO: ERIKA DE PAULA



Flávio Valeriano é o coordenador geral do assentamento

**A**té onde você iria para sobreviver e sustentar a sua família?

No MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) existem pessoas com perfis diferentes, mas com histórias quase iguais. São agricultores que lutam para conseguir um pedaço de terra, e que segundo o Movimento, são terras de direito do povo, e que ninguém renuncia.

Há muitas histórias dos três moradores do assentamento Che Guevara que estão há mais tempo no Movimento.

E é incrível como essas pessoas, que vieram de rumos diferentes e buscaram o mesmo objetivo, passaram pelos mesmos problemas e pelas mesmas dificuldades.

Flávio Pereira, 71 anos, tocava lavoura no Paraná em 1984. Por uma série de razões, “quebrou” financeiramente e teve que achar uma solução para não passar necessidade. A partir de uma reunião no Paraná com um dos fundadores do MST, José Rainha, Flávio resolveu aderir ao Movimento.

Ficou pouco mais de um ano em um acampamento, para tentar um pedaço de terra no Assentamento Che Guevara. Conseguiu um lote emergencial, em uma área pequena, que depois de três anos de luta, passou à sua posse em definitivo. Atualmente, em seus 14 hectares, se dedica à plantação de mandioca e milho, cria gado e vende leite. Tem quatro filhos, sendo três deles nascidos no próprio assentamento.

Manoel Neves, 80 anos, morava em



O milho é uma das plantações de Manoel Neres

FOTO: ERIKA DE PAULA

Ilororó do Paranapanema onde tinha um boteco. Também trabalhava na terra. “De repente, os fazendeiros não deixaram mais eu ficar ali. Tive que procurar outra coisa”, lembra.

Numa reunião com José Rainha, tomou conhecimento do MST, aprovou e resolver lutar para conseguir seu lote. Manoel entrou para o Assentamento Che Guevara já com 60 anos, quase não conseguiu seu pedaço de terra devido à idade. Porém, com muito esforço e luta conquistou seu lote. Hoje, Manoel tem nove filhos, possui 23 hectares e planta em sua terra mandioca, milho e cria seu gado.

Nilo Miguel dos Anjos, 72 anos, tocava terras como arrendatário, em Ilororó do Paranapanema assim como a história do amigo Manoel. Ele teve o mesmo problema com os fazendeiros. Em Santo Inácio, José Rainha fez uma reunião na qual Nilo assistiu e resolveu abraçar a causa. Então, ficou no acampamento, aguardando para ir para o Assentamento Che Guevara. “Foi uma luta dura, mas hoje estou

tranquilo trabalhando nos meus 18 hectares”, comemora. Ali, planta mandioca, feijão e cria gado. Têm 11 filhos. Dois moram com ele e os outros já seguem os seus próprios passos, em outros lotes.

Se as origens foram diferentes, a luta e o desejo de vencer foram iguais. Os três afirmam, com bastante ênfase, que não se arrependem em nenhum momento da decisão que tomaram de se aliarem ao MST, e que não venderiam jamais as terras que conquistaram com tanto esforço, pois é um patrimônio que eles possuem com muito orgulho e que dinheiro nenhum pode comprar. Histórias de pessoas guerreiras com o mesmo propósito: sobreviver e nunca desistir!

FOTO: ALANA CAROLINA



Nilo dos Anjos possui 18 hectares e está no Movimento há 19 anos

# Saúde no Che Guevara: um caso sério

Erika de Paula

A saúde dentro do Assentamento Che Guevara é algo preocupante, principalmente quando o assunto é gravidez.

Os partos não são realizados em Teodoro Sampaio (cidade próxima), devido à falta da verba que o hospital de Mirante do Paranapanema (município onde se situa o Assentamento) não recebe para estes atendimentos. As grávidas são encaminhadas ao Hospital Regional (HR) de Presidente Prudente.

A enfermeira chefe do PS (posto de saúde) de Mirante, Thaís Cordeiro de Souza, afirma que já aconteceram casos em que as crianças nasceram dentro da ambulância; porém, a reportagem não localizou nenhuma dessas mães.

Thaís relata também que o hospital de Teodoro Sampaio tem todo o suporte para fazer os partos de

emergência, mas este é um assunto que depende do plantonista do dia, ou seja, se ele quiser fazer o parto, ele faz; se não quiser, não faz.

O pronto socorro de Mirante é somente para atender as emergências. Os casos mais graves como acidentes, doenças, são também encaminhados ao HR.

Dentro do Assentamento Antonio Conselheiro, existe um posto de saúde que dá suporte aos assentamentos vizinhos, incluindo o Che Guevara. Neste PS, é realizado um trabalho pelas agentes de saúde que visitam as casas dos assentamentos de uma a duas vezes no mês, para verificação da saúde das famílias. No caso dos hipertensos, as agentes aferem a pressão arterial e passam algumas recomendações.

Charline Aparecida Barros Santos é uma dessas agentes de saúde do PS e diz que fez um concurso público na prefeitura de Mirante - já direcionado aos assentamentos

Antonio Conselheiro e Che Guevara

FOTO: ERIKA DE PAULA



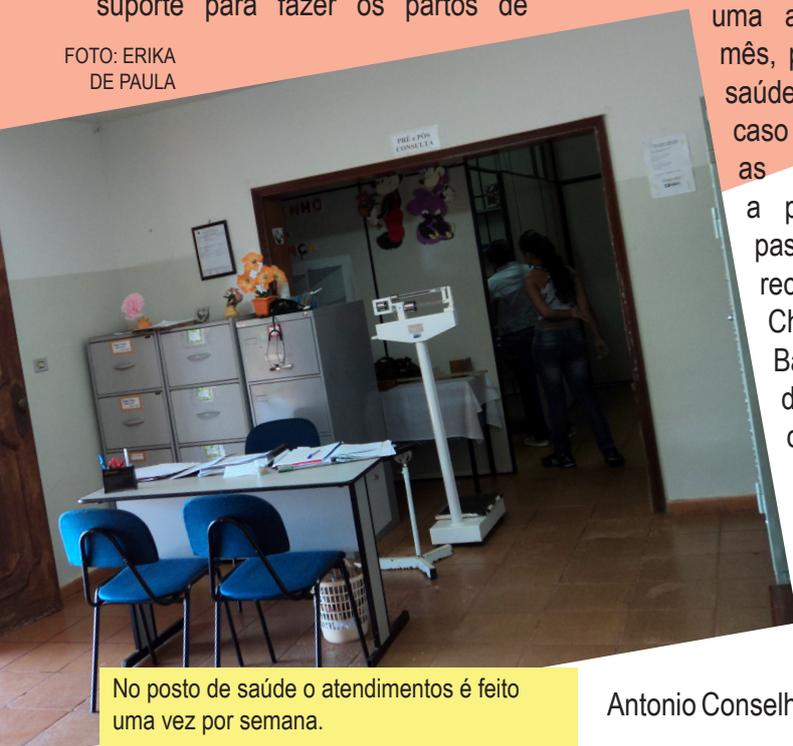
Mesmo tendo uma estrutura boa, o P.S. não dá todo o suporte necessário.

- para conseguir esta vaga. Ela é a responsável por todo o Assentamento Che Guevara e metade do Antonio Conselheiro. Assim que faz as visitas nas casas, passa um relatório para a enfermeira responsável do PS, e havendo algo grave já são tomadas as providências.

Charline diz ainda que os casos de doenças graves nos assentamentos não são comunicados às agentes. “Às vezes, a gente fica sabendo pela boca da vizinhança”, revela.

O grande problema relacionado à saúde dentro do assentamento é a locomoção. Só existe uma Kombi para levar todo este pessoal para fazer exames, consultas, enfim, quase nada é resolvido lá dentro, ou é em Mirante ou em Prudente. “As pessoas daqui que precisam de atendimento precisam ter muita paciência. Muita paciência mesmo”, lamenta.

FOTO: ERIKA DE PAULA



No posto de saúde o atendimentos é feito uma vez por semana.

# Com a bola toda

Isabel Marcondes



Mesmo sem as regras básicas, futebol e futsal, são disputados

Existe jogo de futebol sem árbitro, sem regras e sem brigas?

Quem disse que não, desconhece uma boa partida do Assentamento Che Guevara. Os próprios jogadores fazem suas regras, seu tempo e determinam a arbitragem, tanto no futebol, quanto no futsal.

O responsável pelo esporte é Antônio Paiva dos Santos, um dos moradores mais antigos. “O nome do time é Che Guevara. Temos uniformes, mas estão bem debilitados. A diretora da escola libera os treinos na quarta-feira à noite e no domingo pela manhã na quadra da escola”, explica Santos.

A maioria dos jogadores é do Che Guevara. Os outros são de assentamentos vizinhos. A faixa

etária dos atletas varia entre 15 e 25 anos.

Segundo Santos, o que atrapalha o andamento da prática do futebol é a ausência de transporte para o time participar dos campeonatos da região. Outro item fundamental é o campo. Até hoje, ele não obteve resposta da Prefeitura e nem do Itesp (Instituto de Terras do Estado de São Paulo) para o seu pedido de doação de um terreno próximo ao Assentamento, para os treinos.

“Nós poderíamos participar de vários campeonatos, mas sem campo e sem transporte, fica muito

difícil”, reclama.

Para a maioria dos jogadores, é muito bom essa iniciativa da parte de Toninho, como é mais conhecido, mas falta muito para a estrutura estar completa.

“É gratificante o pessoal daqui e dos assentamentos vizinhos participarem desse rachão. É a hora em que todos nós nos reunimos e praticamos esporte. Se tivéssemos um campo, isso seria toda a semana e não quando a diretora liberasse a quadra”, argumenta o jogador Alex Martinez dos Santos.

Na estante da casa de Toninho, encontram-se vários troféus da época que levava os jogadores com seu trator para os campeonatos. Mas a situação ficou difícil e os jogos eram longe, o que prejudicou bastante a participação do time.

A atividade traz a diversão para o pessoal do assentamento, que acredita que vai passar o tempo e conseguir muitas conquistas no futebol.

FOTO: ISABEL MARCONDES



Os troféus conquistados nos campeonatos demonstram a união da equipe

# OS DOIS LADOS DA VERDADE

FOTO: ERIKA DE PAULA

Alana Carolina

Como será a vida de uma criança criada em um assentamento?

Todo mundo sabe que as crianças passam a maior parte do tempo na escola e apesar da maioria reclamar, é ali que se criam laços de amizade, se adquire a educação e o aprendizado. Mas e quando a escola é o único local de divertimento das crianças de um lugar?

Como não existem lojas, shopping, brinquedos de última geração ou cinema a escola vira a única opção até nos finais de semana, graças ao Programa Escola da Família que proporciona diversão às crianças, com brincadeiras educativas e também esportes.

Apesar disso, as crianças entrevistadas não estão nenhum pouco contente com a escola, principalmente com a

merenda. “Meu sobrinho já encontrou caco de vidro na comida!” diz uma das alunas.

As crianças também reclamaram que os pratos que servem a comida são geralmente engordurados, isso quando não encontram cabelo nos

alimentos.

Outra denúncia dos alunos é que já houve um caso de encontrar preservativo usado no banheiro masculino da escola.

Para a vice-diretora da escola, Sônia Martins, que respondeu as acusações dos alunos no lugar da diretora que está de férias, as reclamações não procedem. “Todos nós da escola, professores, diretores, alunos e serventes, comemos da merenda escolar, e nunca tive do que me queixar”, explica Martins

A vice-diretora lembra-se de uma situação, no período noturno, que encontraram um fio de cabelo no prato de um dos alunos, mas o cabelo era comprido e o cozinheiro era um senhor. “O fio de cabelo era grande, então acredito que seja de alguém que se servia, e por esse motivo os alunos só se servem um de cada vez, e as serventes e merendeiras usam tocas e os homens boné. Todas as providências foram tomadas”, diz a vice-diretora.

A respeito da louça engordurada, Sônia explica que pratos, copos e



Crianças do assentamento têm o mesmo ensino de escolas da cidade



FOTO: ALANA CAROLINA

Crianças denunciam irregularidades da escola

# Tal cidade, tal campo

talheres são todos de plástico, então por mais que estejam limpos, causam uma aparência de sujos. “Todos os pratos, copos e talheres são bem lavados com detergente e água quente, mas que muitas vezes não é o bastante para retirar todo o resíduo gorduroso, assim, embora os pratos não estejam sujos, o aspecto de gorduroso é inevitável”, justifica.

Sobre a última denúncia, a vice-diretora diz que não foi levado ao conhecimento da coordenação nenhum caso de preservativo no banheiro. “Os alunos podem ter inventado tal fato, uma vez que, durante o período de aula estamos sempre transitando pela escola, que por sinal, não é tão grande, logo podemos observar os passos deles. E se, por ventura, tivesse acontecido algo à noite as faxineiras teriam visto ao chegar, pois realizam a limpeza antes dos alunos chegarem, isso tanto no período da manhã como nos demais períodos.”, conclui.

Merenda da escola é “criticada” pelos alunos

Será que os alunos de uma escola de um Assentamento aprendem a mesma coisa do que numa escola da cidade?

A Escola Estadual Assentados da Fazenda Santa Clara têm hoje 278 alunos que freqüentam o ensino fundamental, médio, alfabetização e pré-escola, totalizando uma de cada série que no geral são 15 turmas. Nos períodos manhã, tarde e noite. A educação no ensino fundamental do Assentamento Che Guevara possui o mesmo método de ensino das escolas da cidade, de acordo com a professora Fernanda Viana. “Posso dizer isso, porque dou aula nos dois lugares. É tudo igual, inclusive o material didático. Se posso apontar uma diferença está na maneira de ensinar: aqui no Assentamento eu passo a matéria de maneira mais simples e clara, porque tem alunos com deficiência na sala de aula, que tem mais dificuldade.”, revela.

Segundo a professora, as aulas no assentamento são tranquilas, porém produtivas, pois a escola procura dar todo o suporte para o aprendizado dos alunos, que vem a serem livros e material que o governo disponibiliza. “É interessante notar que no Assentamento os alunos são mais disciplinados e obedientes. Lá na cidade eles são muito inquietos. Esta pode ser apontada como outra diferença,” argumenta

Todos os finais de semana tem o Escola da Família, que proporciona às crianças diversão, com programas educativos e saudáveis. “Sendo assim é possível perceber que diferente do que muita gente imaginava qualquer aluno que estudar em um assentamento, pode ter o mesmo ensino do que alguém que estuda na cidade”, finaliza.

**CARDÁPIO “MERENDA ESCOLAR”  
2.010**

DESJEJUM: Pão com Margarina / Bolachas  
Bebida Láctea ou Chá

-> A partir de 02/08

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
<b>MERENDA</b>	* Arroz Diferente (Arroz, Calabresa Picadinha, Miho Verde, Batata Palha e Cheiro Verde) * Salada de Macarrão com Maionese, Cenoura e Cheiro Verde	* Risoto Sortido Arroz com Carne Moida, Salsicha, Ovos Cozidos, Ervilha e Cheiro Verde) * Salada de Couve	* Macarrão ao Molho Bolonhesa * Salada de Alface	* Picadinho de Frango ao Molho Arroz Feijão * Salada de Tomate	* Carne Cozida ao Molho com Batata * Arroz * Feijão * Salada de Repolho

OBS: O Cardápio será alterado semanalmente para possíveis variações

ALINE ARAÚJO MACHADO DE VASCONCELOS  
Nutricionista (CRN: 16.197)

FOTO: ALANA CAROLINA

# Cultura, viola

## e a morena

Isabel Marcondes



Responsável pela cultura no assentamento, Mineirinho toca Morena nas horas de lazer

FOTO: ISABEL MARCONDES

A palavra cultura pode significar muita coisa: pode estar relacionada com música, tradição, costumes, mas pode ser também mudas ou plantas. No Assentamento Che Guevara esses conceitos se encontram.

Primeiro, a música. O responsável e produtor cultural do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) é Felinto Procópio dos Santos, 43 anos, casado, três filhos, mais conhecido por Mineirinho.

Militante há mais de 20 anos, desde a época que era de Rondônia, chegou

ao Che em 1991, e sua casa ficou pronta em 1996. Também é diretor da ANVB (Associação Nacional Violeiros do Brasil), instrumento que também toca. Há tempos tenta trazer um encontro de violeiros, cavalgadas e rodeios, mas até o presente momento não tem nada agendado.

“Falta muita coisa, pois, o pessoal do Che está saindo das dívidas agora. Falta crédito para as pessoas do próprio assentamento, para se organizar. Estrutura, asfalto, campo de futebol, pista de atletismo, falta a implantação da digitação

e principalmente dos avanços tecnológicos”, explica Mineirinho.

No momento, não tem nenhum projeto “aprovado” para cá, existe um projeto que está em análise da Prefeitura Municipal de Mirante do Paranapanema que tem o nome de Projeto Musicalização Infantil, para ser implantado na escola.

Mineirinho considera sua viola, que é cheia de fitas, uma companheira e dedilhá-la, é a melhor hora de lazer. Ela tem até nome: chama-se Morena. Toca há mais de nove anos, mais há cinco se dedicou realmente.

“As fitas têm o significado de quando o reinado chegou aqui no Brasil por José de Anchieta, que era padre, compositor, roteirista e muito mais”, explica o músico. A branca é o menino Jesus Cristo, a rosa lembra Maria a beleza da flor conforme os lugares por onde passava, azul claro José, a verde a mirra porque é uma planta, o vermelho o incenso, o amarelo o ouro. Esses três últimos, são os presentes que Jesus recebeu dos três Reis Magos, a marrom São Francisco de Assis pela cor da viola.

São cinco cordas e representa o masculino e o feminino, seu toque muda totalmente quando toca de cima para baixo ou vice versa.

Segundo, as plantas. Mineirinho também é responsável e presidente pela sede da ACAP (Associação Regional de Cooperação Agrícola), que fica no Che mesmo. Tem um projeto licitado para a construção de um viveiro de mudas. A ideia é que até novembro esteja tudo certo e aprovado.

A associação tem vários projetos que serão implantados para os alunos que fazem o curso de Agronomia, nas faculdades da região que tenham o curso.

“É o reinício da luta do pontal do Paranapanema, da reforma agrária, das terras públicas. É o marco da luta,” defende.

# Plugado no Che

Isabel Marcondes

**Q**uem disse que o Che Guevara não está plugado no mundo?

Está sim! Tanto no Orkut como no blog, que trazem todos os serviços feitos no programa Família da Escola. A responsável por tudo isso é Sirleide Aparecida da Silva, 38 anos, que há sete se dedica todos os sábados e domingos das 9h às 17h para ensinar pátina de reciclagem de móveis usados, crochê, biscuit, pintura em tecidos, bordado e dia da beleza.

No momento, Sirleide mora no Assentamento ao lado, o King Mist, mas não falta nenhum final de semana. Com essas atividades, nesse programa, preparam feiras de artesanato na própria escola para reverter as vendas para a compra de filtros, cortinas e ventiladores e também para ajudar a repor o material do curso.

No Orkut, tem vários álbuns dos artefatos feitos do dia da beleza e da galinhada. Já no blog, as informações são mais precárias pois a página ainda está em construção. Veja Orkut (E. E. Santa Clara) e blog (staclara.spaceblog.com.br)

Segundo Sirleide, ainda existem vagas para os cursos e para o pessoal conhecer o trabalho passo a passo, pois, são poucas pessoas que participam do programa, principalmente no assentamento.

Esse programa também tem na cidade. A maioria das escolas estaduais recebe esse tipo de iniciativa, mas alguns assentamentos não têm.

Ela diz ter recebido uma lista com as escolas em que poderia prestar esse tipo de trabalho e como é assentada, optou pela escola Santa Clara, no Assentamento Che Guevara, pois mora num assentamento vizinho que fica em torno de 16 km de lá.

Hoje, tem mais de 25 alunos, incluindo todos os assentamentos, ela se

encaixa no horário dos aprendizes para dar oportunidade para eles ocuparem mais seu tempo.

“Tenho alunos de várias faixas etárias desde crianças de seis até idosos de 75 anos”, relata, bem orgulhosa.

As atualizações do Blog e do Orkut, por enquanto, estão paradas, pois a universitária que ajudava se formou e não pode mais participar do programa.

“Estamos selecionando outra pessoa, mas enquanto isso não acontece, eu mesma vou atualizar para que as pessoas possam acompanhar o nosso trabalho”, explica.

FOTO: ISABEL MARCONDES

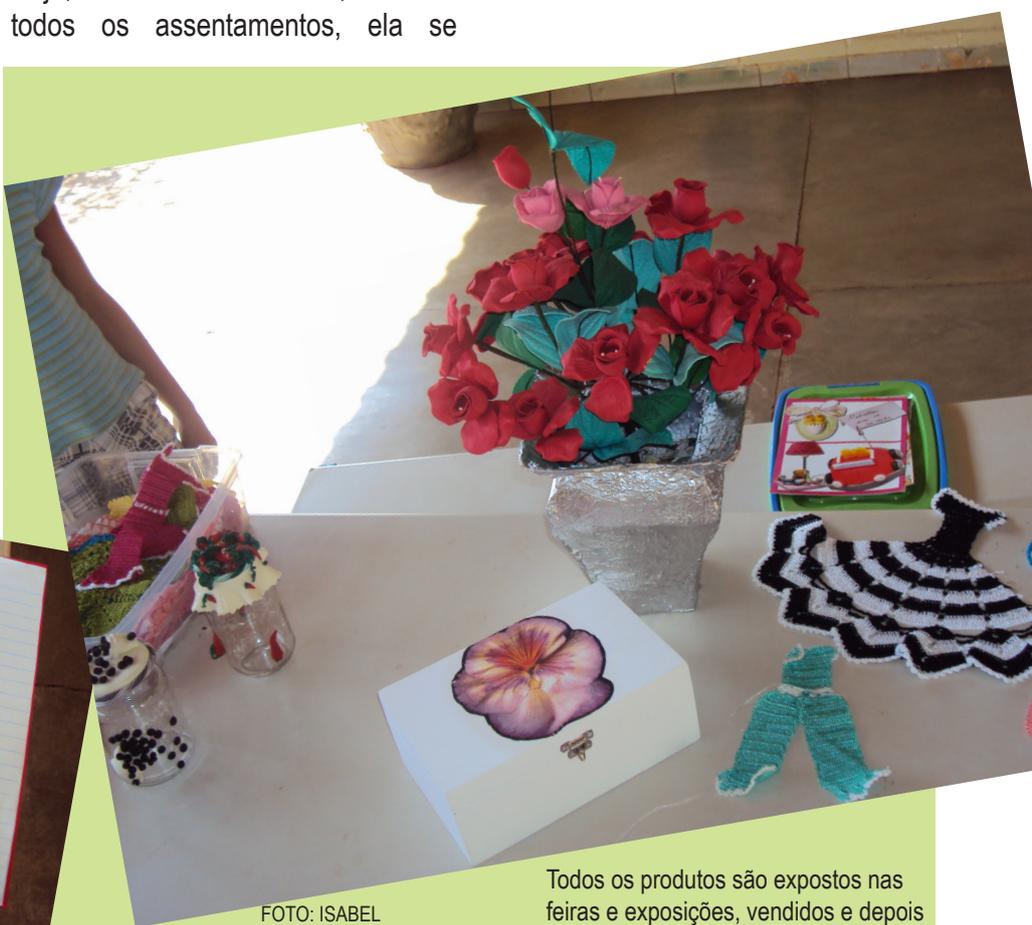


FOTO: ISABEL MARCONDES

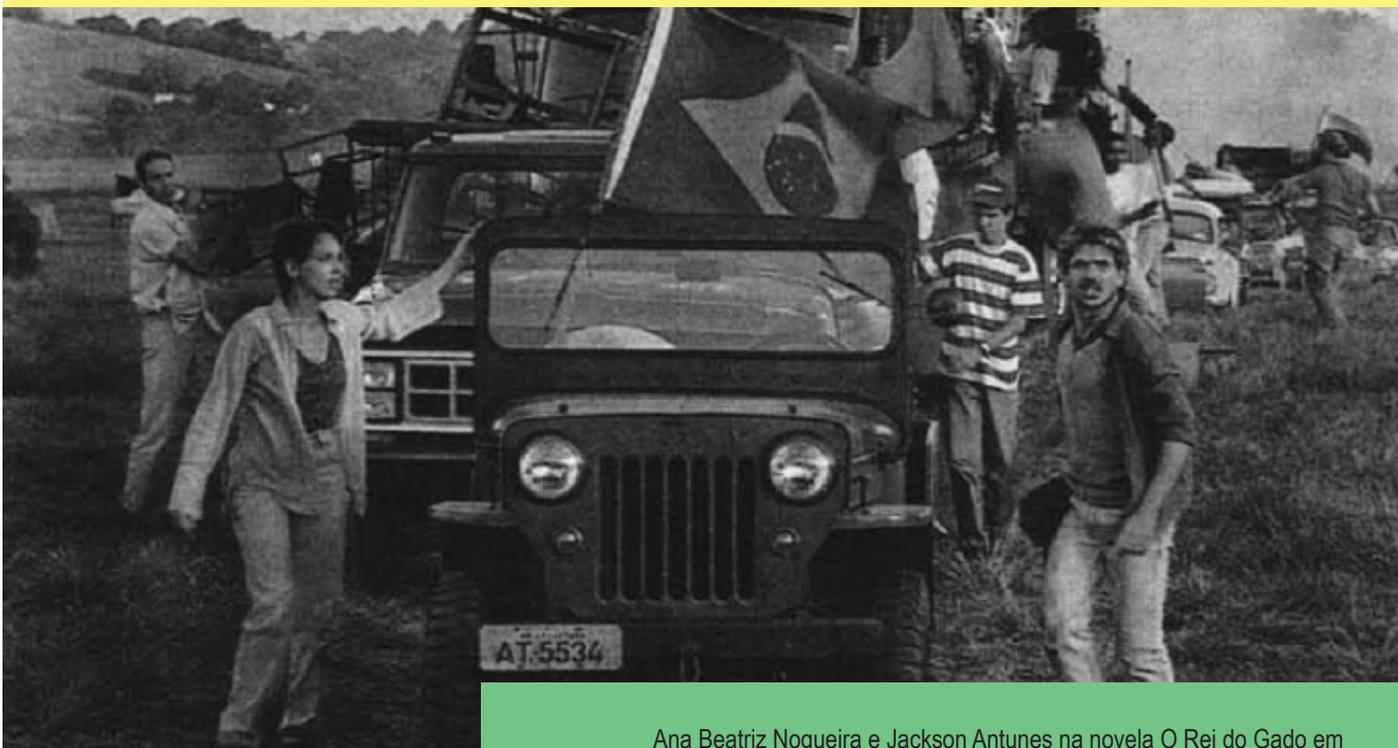
Através do programa surgiu a idéia do Orkut e do Blog, para divulgação dos artesanatos

Todos os produtos são expostos nas feiras e exposições, vendidos e depois revertido para a melhoria da escola

# O rei do gado: Ficção ou realidade?

Isabel Marcondes

FOTO: ISABEL MARCONDES



Ana Beatriz Nogueira e Jackson Antunes na novela O Rei do Gado em 1996, interpretando a luta de José Rainha e Diolinda.

Nos anos 1990 a 2000, a região do Pontal do Paranapanema foi caracterizada por um conflito acirrado entre latifúndios e sem terra, mobilizando a população em defesa da Reforma Agrária na região. Este tema, embora muito polêmico, foi também explorado pela mídia, a ponto de ser projetada de uma realidade à ficção em forma de novela, exibida em horário nobre por uma das maiores emissoras do Brasil: a Rede Globo.

Pouco era o conhecimento tido a esse respeito, mas pela expansão e por agregar grande contingente de pessoas que defendiam a causa, foi então aumentando o interesse da população em conhecer mais e melhor este assunto e para o Benedito Rui Barbosa não foi diferente. Motivado a expor esta questão em sua novela, deslocou-se até a região pólo de conflitos, a fim de garantir informações precisas nas cenas que compõem na novela O Rei do Gado. Os brasileiros então, sobretudo aqueles que não

havam vivenciado esta realidade por meio de movimentos de reivindicação de terra, passaram a acompanhar a novela da vida real de muitas pessoas através da televisão, que transmitia noções de oposição de latifundiários com os sem-terra, demonstrando a influência política sobre a Reforma Agrária, enfatizado por um senador interpretado pelo ator Carlos Vereza.

A novela abordou muito a parte de luta, de conflitos na busca de terra, encerrando-se por aí, enquanto que na vida real de muitas famílias, outro era o rumo que seguiam: o de concretização de objetivos com o assentamento de todos esses militantes envolvidos na luta, exemplo deste é o assentamento Che Guevara, que seguiu apresentando projetos de desenvolvimento sustentável e não parou como uma das novelas das oito. “A contribuição veio no conhecimento. A televisão divulgou, o povo comentou, mas na essência dos

objetivos atrapalhou, porque na ficção era uma coisa e na prática, outra”. A reclamação é de José Rainha, um dos fundadores do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). “Independente de novela, o MST é uma das maiores organizações camponesas do Brasil, com reconhecimento no mundo todo pela sua luta em defesa dos pobres e trabalhadores da terra, que quer uma Reforma Agrária e o fim do latifundiário no Brasil”, completa.

Segundo ele, a luta nunca foi fácil, desde o confronto com os latifundiários à sociedade que os taxava como baderneiros, uma vez que não conhecia como era a luta, a ideologia do povo e do movimento. Com isso, fica claro que existiam duas lutas: uma no campo, e outra na cidade. “Com a projeção da vida desses lutadores, essa batalha na ficção, a sociedade passou a ver de forma diferente. Antes não nos aceitavam, depois,

acompanhando a novela, passaram a analisar de forma diferente, a formar sua própria opinião sobre o assunto Reforma Agrária”, analisa Rainha.

Na trama, a personagem Jacira, interpretada pela atriz Ana Beatriz Nogueira, representou a militante Diolinda, mulher de Rainha, que na novela foi vivido pelo ator Jackson Antunes. “A história mostrou a vida nos acampamentos e de como a sobrevivência lá é e continua sendo muito difícil, devido às necessidades a serem superadas”, argumenta o líder do MST.

Entretanto, ele afirma que existem várias abordagens com as quais ele não se identificou, como por exemplo, a personalidade da Jacira. “A novela ajudou a sociedade a compreender um pouco mais a nossa luta e o

que não era aceito na realidade foi imposto pela ficção. Todos que assim tiram e presenciaram a luta através da novela, puderam formar suas próprias opiniões, pois aqui no Pontal a Reforma Agrária era, e é, uma realidade. Porém, há lugares do nosso país, onde muitos não têm a informação correta sobre o que é a reforma agrária”, defende.

Para Rainha, ainda falta muito a ser compreendido, uma vez que a realidade do MST vai além do que foi retratado. “Nossa luta é mais intensa. Essa mesma época, 1996, foi um período mais difícil a ser enfrentado pelas militâncias no MST. Período o qual os Sem-terras eram taxados como vândalos, pessoas sem caráter, baderneiros... E com a representação através do maior meio de comunicação

na época, acredito que ajudou muito a compreender sobre o papel do MST em defesa da Reforma Agrária”, afirma.

De acordo com ele, o personagem Regino, vivido por Antunes, representou um militante sem-terra com perfeição, mas faz uma ressalva. “Deve-se lembrar que o seu fim (assassinato) não foi o mais desejado por todos dos assentamentos. A morte do personagem representa que a luta continua, mas, sem a presença do líder, ele abriu os caminhos e na trama mostra que ele morreu pelos seus seguidores”, expõe.

Rainha diz que a trama foi uma coisa passageira. “A novela focou um momento apenas. Nós temos ideias de luta, que nunca vão acabar enquanto tiver pobre e miserável na face da terra. Nossa luta é para construir uma sociedade justa, humana e igualitária”, conclui.



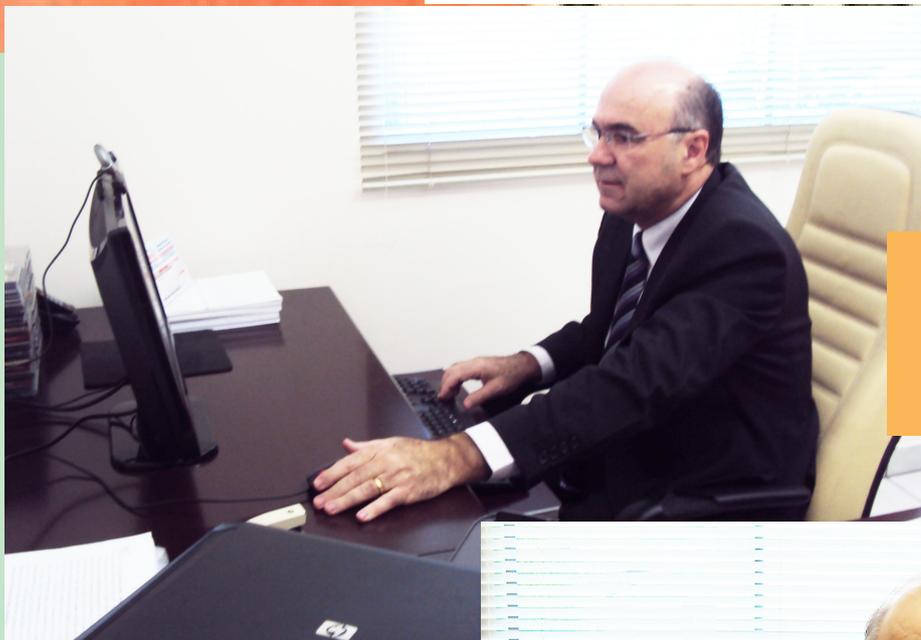
José Rainha Júnior,  
fundador do MST  
também teve sua vida  
contada na ficção, em  
1996

FOTO: ISABEL  
MARCONDES

# MST:

Isabel Marcondes

## Uma discussão sempre **POLÊMICA**



“A luta é a certa.  
O modo de invasão não.”

FOTOS: ISABEL  
MARCONDES

Quando o assunto é MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) as opiniões se dividem. Uns dizem que é um direito daqueles que lutam pela reforma agrária. Outros acusam seus integrantes de baderneiros. Num ponto, entretanto, todo mundo deve concordar: a discussão é sempre polêmica.

O advogado e professor universitário Francisco Carlos Giroto Gonçalves, 57 anos, analisa o tema. “É um movimento social, com vários líderes, que buscam as terras para produção, tudo para conseguir seu lote para produzir, para ter seus direitos e, com isso, uma condição de vida melhor, pois a maioria é pobre e carente. A luta é aceita, o modo que é feito a invasão não”, argumenta.

Segundo Giroto, a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) até defende o movimento, porém, as atitudes dos assentados e as invasões são erradas. “Não há dúvida de que a terra precisa ser produtiva. Mas os



O advogado Francisco Carlos Giroto Gonçalves atua na área há mais de 15 anos

proprietários que trabalham com gado ou até mesmo aguardam a liberação de algum financiamento são surpreendidos com as invasões e a partir daí os problemas começam”, explica.

O advogado ressalta a figura de líder de José Rainha no que se refere à defesa pelo direito a terras para produzir. “O direito nesse ponto é legal. Só que às

vezes, ele [Zé Rainha], age com suas próprias mãos, criando suas próprias leis, querendo fazer justiça por ele mesmo. Só que esse direito pertence ao Estado. A intenção é muito boa e o movimento também, a forma como agem não. Ele sempre está certo e os demais errados”, critica.

Questionado sobre os proprietários que são surpreendidos com as invasões, o líder do MST afirmou que o Pontal não tem propriedade privada e sim, pública.



# ASSENTAMENTO CHE GUEVARA

FOTO: ISABEL MARCONDES

Onde tudo começou

“As invasões são feitas para a produção, pois as terras têm a função de produzir. E nessa situação, os trabalhadores não podem ser humilhados pela sociedade, vistos como bandos e quadrilha”, reclama. Rainha acredita que o MST ainda será aceito na sociedade, pois as pessoas se movem através da necessidade. Segundo ele, isso ocorre devido o capitalismo, pois o ser humano não vale nada para a sociedade, e sim o poder tem o grande reconhecimento dela. “Minha missão é impossível prever seu fim, devido à fome, à pobreza e à desigualdade. Não tenho medo de morrer, quero viver, viver e ser feliz, junto com meus companheiros”, planeja. Sobre a acusação de tomar a lei em



FOTO: ISABEL MARCONDES

José Rainha Júnior, fundador do MST e do Che Guevara

suas próprias mãos, o fundador do Movimento se defende. “Toda luta tem seus excessos. E meu dom é alimentar a esperança desse povo, que confia nessa batalha. O Che Guevara é uma esperança, ele é uma

referência de positividade, foi o que deu certo, a porta que abriu. Ele é o espelho do Pontal. A prova de que a reforma agrária é viável e positiva”, responde Rainha.

# A DIVERSIDADE DA FÉ

Isabel Marcondes

**D**isputar seguidores parece ser o objetivo da religião desde os tempos de Martinho Lutero. E esse contexto não é diferente no Assentamento Che Guevara. De um lado, uma igreja católica. De outro, uma evangélica.

A representante do Vaticano chegou por volta do final de 2009. A igreja foi construída pelos próprios assentados, com a ajuda do Bispo Dom José Maria Libório e a supervisão da Andréa Aparecida dos Santos da Silva Rainha, 37 anos, assentada desde 1998. No início, segundo Andréa, o preconceito de alguns padres atrapalhou a construção da sede.

Segundo ela, a resistência era grande, principalmente por ser mulher, pois os padres daquela época queriam um homem no comando da construção. “Fiquei muito chateada, pois, o padre tem que trazer mais fiéis para dentro da igreja e não fazer o que fizeram comigo. Mesmo assim, não abaixei minha cabeça, passei por cima dos preconceitos e venci, pois tudo o que se trata da igreja católica vem primeiro a meu conhecimento, depois repasso para os demais”, revela.

Hoje, a igreja tem o nome de Paróquia Nossa Senhora de Aparecida de Teodoro e os celebrantes são o padre Cláudio Candico Rosa e o ministro Ângelo Moscateli. “Falta ainda a pintura, o banheiro e, a partir disso, estruturar melhor quermesses, para conseguir arrecadar mais dinheiro e finalizar a igreja”, conclui Andréa.

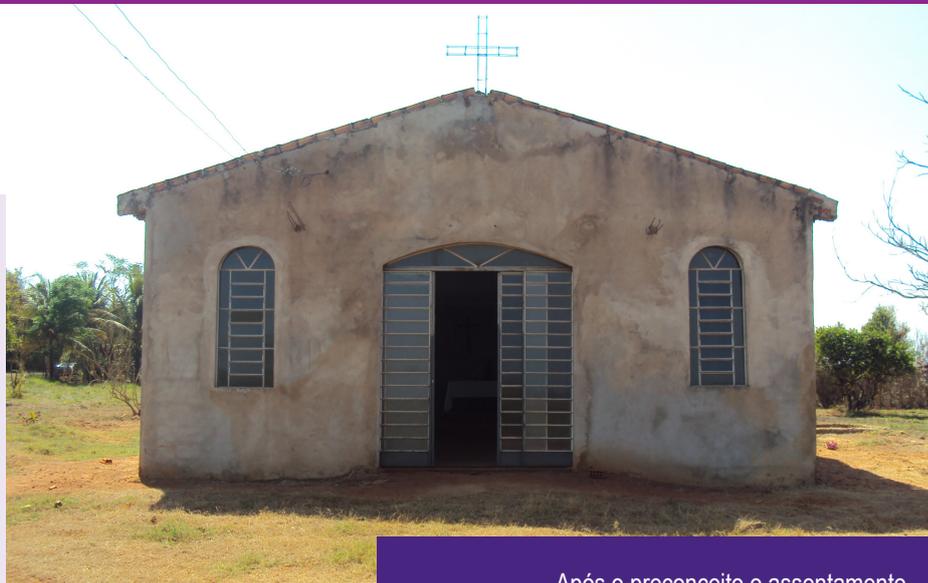


FOTO: ISABEL MARCONDES

Após o preconceito o assentamento conseguiu erguer a igreja Católica

Antes do templo, as missas e novenas eram realizadas de casa em casa; já nos casamentos e batismos os padres vinham de outros estados São Paulo, Paraná e do Distrito Federal e eram feitos como comunitário, na escola.

Segundo Andréa, a participação só não é maior devido à falta de transporte. A

missa do período da noite tem sempre mais pessoas devido ao ônibus da escola, já a da manhã é bem menos. Dentro dessa comunidade existem vários trabalhos sociais que são chamados de pastorais: da Criança, da Terra, do Batismo e da Família. Já estão se preparando para implantar a

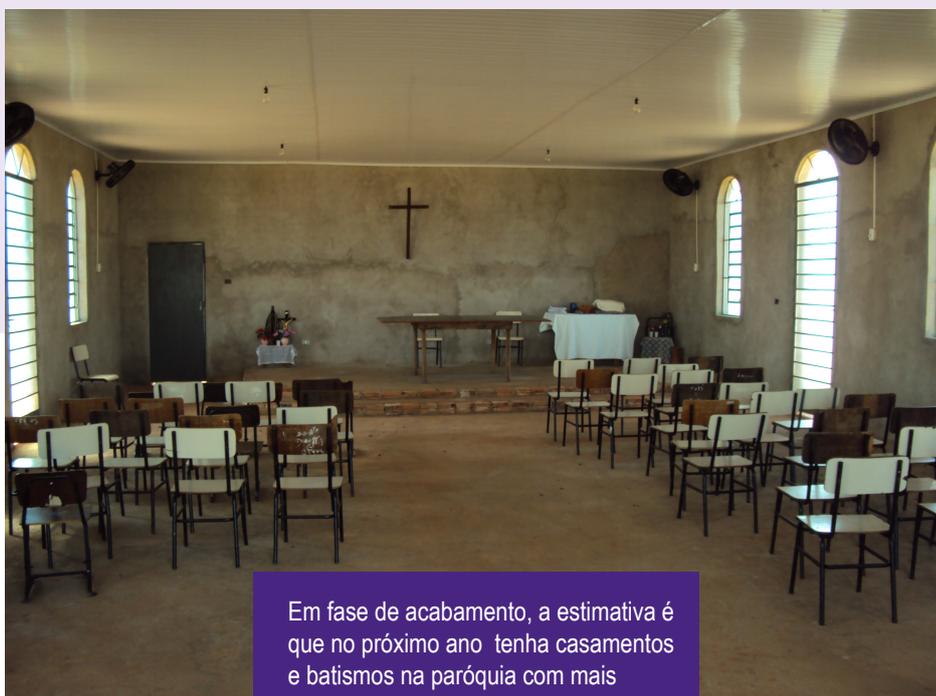


FOTO: ISABEL MARCONDES

Em fase de acabamento, a estimativa é que no próximo ano tenha casamentos e batismos na paróquia com mais frequência

catequese dentro do assentamento. Do outro lado da fé existe também no Che a igreja evangélica Congregação Cristã no Brasil. O responsável e zelador da igreja é Celso Sampaio Custódio, 50 anos, que mora desde o início no Che. É praticamente vizinho da sede.

A igreja chegou em 25 de julho de 2010. Desde então, os cultos ocorrem todos os domingos às 15h.

Para a construção da Congregação foram investidos cerca de R\$ 40.000,00 recursos doados pelos próprios irmãos como são chamados na igreja, com o intuito de instalar a sede, pois, antigamente os cultos eram feitos no fundo do quintal da casa de Celso e quando chovia não podiam fazer.

Segundo Celso, ele e a família não eram evangélicos e depois do convite, se converteram. Ele deixa bem claro que tudo melhorou, foi uma coisa muito boa.

Sobre as tradições e rituais que têm na igreja, Custódio informa que eles não têm pastorais. Existem duas entradas, uma específica para as mulheres e a outra para os homens. Eles ficam separados até a saída pelas mesmas portas que entraram. As mulheres que já foram batizadas usam véu até o final do culto. Também



Recém inaugurada a igreja apresenta estrutura melhor do que a católica

não existe pastor e sim cooperador, que no momento é Arlindo Vieira de Almeida que é morador da cidade de Teodoro Sampaio e para exercer essa função dentro da igreja é necessário ter o curso do ministério.

Na igreja, Celso tem sua função. Já que é o mediador, fica na divisão das duas entradas para coordenar as pessoas. Não é obrigatório o dízimo e não é utilizado esse termo. Segundo Celso, cada irmão que quiser fazer algum tipo de doação precisa sentir Deus chamar e a partir daí pega um envelope e dá sua colaboração, não

sendo semanal, quinzenal e nem mensal, só quando realmente sente esse chamado.

A inauguração da igreja teve uma participação de quase mil pessoas e hoje tem em média de oitenta pessoas. Segundo o zelador, a intenção é que cada vez mais irmãos recebam o chamado de Deus e participem da igreja.

“É um dom divino participar do Che Guevara, a paz divina, ajudar com as doações. Tenho certeza que com o tempo vamos melhorar muito aqui, para podermos levar uma melhor convivência para todos os assentados”, diz Andréa.



FOTO: ISABEL MARCONDES

Com várias tradições e rituais, à igreja realiza os cultos todo domingo a tarde

# Uma aula de dedicação

Diolinda Souza

FOTO: DIOLINDA SOUZA

O nome dela é Maria Aparecida da Silva Batista de Lima. Tem 41 anos e há nove anos leciona na Escola Santa Clara no Assentamento Che Guevara. “É muito gratificante trabalhar aqui, pois temos uma boa infraestrutura se a gente for ver escolas de outros municípios e estados”, afirma.

A comparação é feita com base na sua experiência docente. Maria já trabalhou em colégios da cidade e de outro estado, mas confessa que gosta mesmo é de lecionar no Che Guevara. “Os alunos do Assentamento Che Guevara são carinhosos e respeitam os professores, diferente dos alunos da cidade que, muitas vezes, são até agressivos”, avalia.

A profissão, como outra qualquer, tem seus desafios e suas compensações. “É preciso ressaltar o apoio que a Secretaria de Educação tem nos dado. Recentemente, os alunos ganharam uma sala de informática, o que vai permitir um conhecimento mais amplo numa época em que se fala tanto em inclusão digital”,



A professora na sala com seus alunos no Che Guevara

argumenta. Entretanto, existem obstáculos a serem vencidos. “Acho que um dos pontos negativos é a distância que os alunos têm que percorrer para chegar à escola, o que gera certo desânimo neles”, lamenta. Outro problema é a falta de interesse dos jovens por não acreditarem que a situação irá mudar. “Quando a gente conversa, a maioria deixa claro que não tem perspectiva e que não acredita num futuro melhor que o dos pais. Por isso, eles não dão tanta atenção às atividades escolares. Outra situação que percebo é que eles se subestimam, mesmo tendo tantos exemplos de superação em casa e na vizinhança. Eles não acreditam que é possível fazer um curso técnico, ou até mesmo um curso de nível superior”,

revela.

Maria diz que os pais fazem a sua parte. “São pessoas interessadas na educação dos filhos, presentes nas reuniões, sempre que é preciso. Mas infelizmente, o esforço deles não é suficiente para aguçar nos filhos o interesse por um futuro melhor, talvez por acreditarem que o ensino médio já seja o bastante para quem só vai cuidar de terra”, expõe.

Apesar de tudo, a professora vem para a escola disposta a mudar a situação. “Quero acreditar que, com muita conversa, um dia ainda consigo mostrar a eles que estudar – um curso técnico ou a universidade – é o único caminho para quem quer ter um futuro melhor”, planeja.

FOTO: DIOLINDA SOUZA



Professora Maria Aparecida na escola Santa Clara, fez sua opção pela escola do assentamento

# A CONQUISTA DE UM SONHO



Diolinda Souza

FOTO: ISABEL MARCONDES

São dois funcionários e o proprietário, que começam pela madrugada e se estendem com o trabalho até o final do dia

Paulo Cabral é um dos muitos moradores que tem histórias para contar. Com 48 anos, casado e duas filhas, afirma que cursou o ensino fundamental, mas só chegou até à 4ª série.

Reside no Assentamento Che Guevara há aproximadamente 19 anos (1991). Somente após dois anos no Assentamento teve condições

de construir a casa onde reside até hoje. Posteriormente, aderiu a um financiamento do governo para a implantação de sua atividade econômica. A princípio, tinha 40 vacas. Contando apenas com a sua mão de obra, acordava muito cedo para dar conta de realizar a ordenha.

O esforço valeu à pena. Atualmente, dispõe de 100 vacas leiteiras e mais dois funcionários, com produção que varia de 250 a 300 litros de leite ao dia, para manutenção de quatro pessoas. O produto é retirado diariamente pela manhã, num trabalho que começa às 4h, sendo levados em seguida para

um tanque com capacidade 1000 litros que o mantém refrigerado.

“O valor deste produto no mercado está melhorando aos poucos, mas há oscilação de acordo com o clima”, revela. Atualmente, o litro de leite está sendo entregue pelo proprietário por R\$ 0,75, cujo recebimento ocorre após 50 dias da venda.

A renda mensal bruta é próxima de

graças ao trabalho próprio.

Em relação aos animais, toma todos os cuidados para mantê-los saudáveis e com produção satisfatória, o que demanda certo conhecimento, prática e habilidade. A vacinação, por exemplo, é realizada conforme a obrigatoriedade, na maior parte das vezes, por ele mesmo. Outras, pelo veterinário.

A alimentação animal baseia-se na pastagem e na ração produzida na propriedade, a fim de conter gastos maiores. Não há concorrência entre companheiros no Assentamento, pois muitos produzem o leite apenas para subsistência e os que não produzem, compram o leite dos seus vizinhos.

Para aumentar a produção, Cabral sabe que vai precisar perfurar um poço artesiano para irrigação diária da pastagem e assim, aumentar a divisão da pastagem e o número de vacas. “Vou precisar recorrer a um novo financiamento e isso vai ser logo. Com recursos próprios, fica difícil”, comenta.

Perguntado sobre o que representa o Che Guevara em sua vida, responde enfático: “É o melhor lugar para viver de todos os lugares que já morei, pois aqui se tem sossego, bons vizinhos, autonomia de trabalho e o espaço que é meu e que ninguém me tira”.



Quando iniciou tinha em torno de 20 vacas, hoje ultrapassa 100 animais e retira por dia masi de 300 litros

FOTO: ISABEL MARCONDES

R\$ 5.000,00. “Tirando as despesas e pagamentos, sobra em torno de R\$ 2.500,00”, conta. Cabral não é contribuinte do INSS e alega independência financeira por não prestar serviços a terceiros e não depender de carteira assinada por alguém. É protagonista de decisões

# Que preço tem vender um lote?

Erika de Paula

FOTO: ERIKA DE PAULA

No caso de Daniel Naufal (47), essa história de venda de lote só deu prejuízo.

No ano de 1991, Daniel saiu da fazenda Canaã com destino ao acampamento da fazenda Santa Clara que hoje é o Assentamento Che Guevara. Ele ficou por volta de um ano acampado até conseguir o seu lote. A tão sonhada terra foi liberada: 21 hectares para fazer dela o que bem entendesse. Até o ano de 1997, fazia o cultivo de roça, plantava milho, verduras, legumes, uma infinidade de alimentos.

Mas ainda não estava satisfeito. Daniel, então, resolveu dar uma mudada. Já estava enjoado daquela vidinha calma e simples no Che Guevara. Foi onde fez a troca do lote com um amigo que morava no Assentamento Água Branca, que fica próximo ao Che.

No Água Branca, ficou pelo período de três anos e, não contente com aquela vidinha calma e simples, resolveu fazer outra mudança.

No ano de 2001, Daniel vendeu o lote do assentamento Água Branca, e partiu para São Paulo, capital, em busca de uma vida mais



Após muitas idas e vindas finalmente Daniel retorna ao Che Guevara

movimentada. Lá ele conheceu a sua futura esposa, casou-se, e ficaram por pouco tempo morando lá.

Diante de alguns problemas, Daniel acabou perdendo todo o dinheiro da venda do lote do Água Branca e teve que voltar para o interior de São Paulo. Como não tinha mais lote em nenhum assentamento, foi novamente participar do acampamento ali próximo ao Che Guevara. Porém, como não houve mais liberação de lote para ele, por causa da venda anterior da sua propriedade, pediu um pedacinho de chão ao mesmo amigo que tinha feito a troca dos lotes no passado entre Água Branca x Che Guevara. O amigo entendeu a situação de Daniel, cedeu-lhe um pedaço de terra para que pudesse ao menos levantar a sua casinha para morar com a esposa.

Nos dias de hoje, Daniel trabalha na cidade de Teodoro Sampaio como pedreiro em obras de casas populares da CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo). A esposa somente cuida da casa. Eles não tiveram filhos.

“Me arrependo muito do que fiz, agora não saio do Che Guevara tão cedo”, revela.

# O Che Guevara segundo o IBGE

Diolinda Souza

As condições de vida dos assentados melhoraram nos últimos anos. Todas as casas têm uma estrutura que se pode reconhecer como básica de sobrevivência. Assim, em todos os imóveis há, no mínimo, um televisor, geladeira, fogão, cama, armário. Outra dado que chama a atenção: todos os imóveis são de alvenaria.

Todas estas informações foram levantadas por Diego Teixeira da Silva, 25, recenseador do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para o ano de 2010 na área do Assentamento Che Guevara, no município de Mirante do Paranapanema.

Segundo ele, as famílias não são

muito populosas, na faixa de um a três filhos em média. “O Che Guevara é um dos assentamentos mais bem estruturados, uma vez que a escola é próxima, dentro da vila formada pelos moradores. Diferente dos demais assentamentos”, diz.

De acordo com Silva, todas as crianças e adolescentes estão estudando, além de alguns adultos. A atividade que move a economia do assentamento é a pecuária e a produção de leite é o carro chefe para as famílias. Há ainda alguns que produzem mandioca, café e frutas, mas é uma pequena porcentagem. “Interessante é que muitos dos recenseados ficaram com medo de informar dados de sua vida, principalmente o financeiro. Acho que eles tem receio de perder algum

benefício ou deixar de ganhá-lo”, deduz.

Há cinco anos, residiam 219 moradores com idade entre 31 a 65 anos, e existiam 46 lotes no assentamento Che Guevara. Só a finalização do trabalho de pesquisa do IBGE vai fornecer dados que possam demonstrar se esta situação foi alterada. “Estamos na fase preliminar do Censo. As informações vão ser coletadas e tabuladas em âmbito estadual e só então teremos condições de estabelecer um comparativo e determinar o que de fato mudou no Che Guevara”, argumenta Silva.

FOTO: ISABEL MARCONDES



Comparação dos números dos lotes e habitantes de 2005 para cá

# A culpa foi do “Seo” Nilo

Érika de Paula

O assentamento Che Guevara completou 19 anos no dia 6 de setembro de 2010. Tinha tudo para ser uma data histórica, mas...

Por se tratar do maior e mais antigo assentamento do Pontal do Paranapanema, acreditava-se que os seus integrantes tivessem grande interesse em comemorar esta data, afinal foram 19 anos de luta conforme relato dos próprios moradores.

Estava tudo programado. A comemoração seria uma roda de viola com os moradores mais antigos e a presença indispensável do líder José Rainha Junior, dentre outras festividades.

Andréia Aparecida dos Santos da Silva

Rainha é moradora do assentamento e também é coordenadora da igreja católica. Ela se desdobrou para que as comemorações acontecessem, mas.

A única celebração que teve neste dia foi uma reunião com a pastoral da família, realizada na escola com a presença de alguns poucos moradores.

Andréia teve vários obstáculos que impediram que a festa fosse inesquecível. Primeiro, que seis de setembro foi véspera de feriado e muitos moradores viajaram. Outro motivo foi que a escola não teve aula neste dia, conseqüentemente não teve ônibus para transportar o pessoal, o que dificultou, e muito, o acesso de

quem queria participar.

Mas o grande “culpado” foi mesmo o “seo” Nilo. Um dos mais antigos moradores do assentamento fazia aniversário e resolveu dar uma festa que começou pela manhã e foi até o fim do dia. A maioria dos moradores, (mais de 80%) que ficou na festança o dia todo, não conseguiu encarar o aniversário do assentamento à noite. Eles até queriam ir, mas...

Para complicar ainda mais a situação, o líder José Rainha teve problemas com sua agenda e mandou avisar que não chegaria a tempo.

A data era bem significativa, digna de todas as comemorações, mas....

Comemoração dos 19 anos do assentamento Che Guevara é feita pela Pastoral da Família.

FOTO: ERIKA DE PAULA



# A TRAJETÓRIA DA VIDA DE GUEVARA

Diolinda Souza

FOTO: DIOLINDA SOUZA



Che Guevara na capital do México

Che (Ernesto Guevara de La Serna – Rosário, 14 de junho de 1918) é o primeiro de cinco filhos de Ernesto Lynch e Celia de la Serna y Llosa, família de classe média alta. Sofria de asma. Devido à doença permanecia longo tempo recolhido e adquiriu o gosto pela literatura. Ao terminar os estudos secundários muda-se, com a família, para Buenos Aires. Matricula-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires.

Como seu amigo Alberto Granado, em 1952, sem concluir o curso de medicina, se aventura pelo América Latina. Percorreram 10.000 quilômetros em oito meses. A trajetória foi realizada numa Norton 500 (uma motocicleta marca britânica, originária de Birmingham, fundado em 1898) que apelidou de “La Poderosa”. Viu o desamparo, a exploração e a miséria como traço característico do nosso continente. Quando voltou, escreveu em seu Diário de Viagem, “Já não sou mais o mesmo”. Regressa a Buenos Aires para terminar o curso de medicina, se especializa em alergias e

faz o doutorado.

Acompanhado de Ricardo Rojo e o Dr. Eduardo Garcia, permanece nove meses na Guatemala quando conhece Hilda Gadea, marxista, militante política peruana que se tornará sua primeira mulher. O Golpe Militar organizado pelos Estados Unidos derruba o governo da Guatemala em 18 de junho de 1954. Por sua atuação nos sindicatos é informado que corre perigo e se asila na embaixada Argentina. Hilda é presa, logo solta, deixam o país rumo ao México. Com Hilda grávida casam-se em 1955 e têm uma filha, Hilda Beatriz, Hildita. Nesse país ganha o apelido de Che, por usar a expressão sempre que fala com os outros. Torna-se fotógrafo de turistas nas ruas da capital para tirar o sustento familiar. Encontra-se com Fidel Castro e decide participar do movimento revolucionário para derrubar o governo do ditador Fugênicio Batista, em Cuba

Com Fidel Castro e os exilados cubanos do “Movimento 26 de julho” (26 de julho de 1956), organiza para combater a ditadura de Batista e penetram em Sierra Maestra na ilha Cubana. Desembarcaram no dia 2 de dezembro, três dias depois são cercados e atacados pelos soldados numa emboscada sobrando apenas 12 homens. Em 1959 tomam a cidade de Havana de uma vez por todas. Com o fato inicia um amplo movimento revolucionário em todo o país envolvendo lideranças e camponeses. Che, recrutado para ser médico, se destaca e se transforma em comandante. Comanda, então, a coluna que tomou Santa Clara, uma das principais cidades do país. Che participou ativamente do processo de construção do socialismo em Cuba.

Tempo depois parte com um grupo de revolucionários cubanos para o Congo, onde a ditadura imposta pelos Estados Unidos havia assassinado Patricio Lumumba, principal dirigente do país.

Em seguida regressa para a América Latina. Na Bolívia incorpora-se ao movimento revolucionário que se desentende com o PC boliviano. A guerrilha torna-se completamente isolada.

Che foi capturado e preso no povoado de La Higuera, por ordens da CIA, em 8 de outubro sendo fuzilado friamente no interior de uma pequena escola rural no dia seguinte. As idéias e a prática de Che Guevara abrangeram amplo espectro político e humano da vida contemporânea.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), homenageia lideranças em destaque ao conquistar um assentamento. Quando o movimento conquistou o primeiro assentamento de reforma agrária na região do Pontal do Paranapanema homenageou Che Guevara. A decisão foi tomada em assembléia com aprovação unânime.



FOTO: DIOLINDA SOUZA

Che Guevara com Fidel Castro no período da Revolução Cubana

# ASSENTAMENTO CHE GUEVARA

